

UM

I

O boné verde de caçador apertava-lhe o alto da cabeça, que parecia um balão carnudo. As abas verdes, preenchidas com orelhas enormes, cabelos compridos e a penugem rala dos ouvidos, elevavam-se de ambos os lados, como sinais de trânsito que indicassem dois sentidos ao mesmo tempo. Os lábios cheios e franzidos salientavam-se sob o bigode negro e farfalhudo e, aos cantos, descaíam em pequenas rugas de desaprovação e de restos de batatas fritas. Sob a sombra da pala verde do boné, os olhos azuis e amarelos de Ignatius J. Reilly fitavam com sobranceria as pessoas que esperavam debaixo do relógio dos armazéns D. H. Holmes, examinando a multidão, em busca de sinais de mau gosto no vestir. Ignatius reparou que várias roupas eram suficientemente novas e caras para poderem considerar-se propriamente ofensivas ao bom gosto e à decência. O facto de uma pessoa possuir uma peça de vestuário nova ou cara só refletia a sua falta de teologia e de geometria; podia até suscitar dúvidas acerca da sua alma.

Ignatius estava vestido com conforto e sensatez. O boné de caçador protegia-o das constipações. As volumosas calças de *tweed* eram duráveis e permitiam-lhe mover-se com uma invulgar facilidade. As suas pregas e ângulos continham bolsas de ar quente e viciado que confortavam Ignatius. A camisa de flanela aos quadrados dispensava o uso de um casaco, e o cachecol protegia a pele exposta de Reilly entre as abas e o colarinho. O conjunto era aceitável à luz de quaisquer padrões teológicos e geométricos, ainda que abstruso, e sugeria uma vida interior rica.

Balançando as ancas à sua maneira arrastada e elephantina, Ignatius projetava ondas de carne que se agitavam debaixo do *tweed* e da flanela e iam rebentar nos botões e nas costuras. Entretanto, pensava que já estava há muito tempo à espera da mãe. Acima de tudo, pensava no desconforto que começava a sentir. Parecia que todo o seu ser estava prestes a rebentar pelas botas de camurça e, para o comprovar, voltou os olhos singulares para os pés. De facto, pareciam inchados. Estava pronto a apontar à mãe aquelas botas inchadas como prova da sua negligência. Levantando a cabeça, reparou que o Sol começava a descer sobre o Mississípi, ao fundo de Canal Street. O relógio do Holmes indicava que eram quase cinco horas. Ignatius dava os últimos retoques numa série de acusações cuidadosamente preparadas para conduzir a mãe ao arrependimento ou, pelo menos, à confusão. Muitas vezes era obrigado a pô-la no seu lugar.

Ela trouxera-o para a cidade no velho *Plymouth* e, enquanto fora ao médico por causa da artrite, Ignatius fora comprar umas partituras para a trompa ao Werlein e uma corda nova para o alaúde. Depois fora a pé até Penny Arcade, em Royal Street, para ver se já tinham instalado jogos novos. Ficou dececionado ao ver que o basebol mecânico em miniatura tinha desaparecido. Talvez estivesse apenas em reparação. Da última vez que jogara com ele, o batedor não funcionava e, depois de uma certa discussão, o gerente devolvera-lhe a moeda, embora o pessoal de Penny Arcade se tivesse mostrado vil ao ponto de sugerir que fora o próprio Ignatius que estragara a máquina de basebol com um pontapé.

Concentrando-se no destino da máquina de basebol em miniatura, Ignatius separou o seu ser da realidade física de Canal Street e das pessoas que o rodeavam e, por isso, não reparou no par de olhos que o observavam avidamente de trás de um dos pilares do D. H. Holmes, dois olhos tristes que brilhavam de esperança e desejo.

Seria possível reparar a máquina em Nova Orleães? Talvez. No entanto, podiam ter de a mandar para outro lado, como Milwaukee ou Chicago, ou para outra cidade que Ignatius associava com eficientes oficinas de reparação e fábricas sempre a fumegar. Ignatius esperava que o jogo de basebol fosse cuidadosamente acondicionado durante o transporte, que nenhum dos pequenos jogadores fosse lascado nem

mutilado pelos brutamontes dos empregados dos caminhos de ferro, apostados em arruinar a companhia para sempre com pedidos de indemnização dos expeditores, empregados esses que a seguir entrariam em greve e destruiriam a Illinois Central.

Enquanto Ignatius meditava no prazer que o pequeno jogo de basbol proporcionava à humanidade, os dois olhos tristes e ávidos dirigiram-se a ele, através da multidão, como torpedos em contagem decrescente para atingirem um grande e lanudo navio-tanque. O polícia embirrou com a pasta onde Ignatius levava as partituras.

— Tem algum documento de identificação, senhor? — perguntou o polícia, com uma voz que denunciava a esperança de que Ignatius não pudesse identificar-se oficialmente.

— O quê? — Ignatius olhou para o distintivo no boné azul. — Quem é você?

— Deixe-me ver a sua carta de condução.

— Eu não conduzo. Não se importa de se afastar? Estou à espera da minha mãe.

— Que é isso aí pendurado da sua pasta?

— Que acha que é, seu idiota? É uma corda para o meu alaúde.

— Que é isso? — O polícia recuou um pouco. — O senhor é de cá?

— Faz parte dos deveres da polícia importunar-me quando esta cidade é uma descarada capital do vício do mundo civilizado? — berrou Ignatius para a multidão que se apinhava em frente do armazém. — Esta cidade é famosa pelos seus jogadores, flausinas, exibicionistas, Anticristos, alcoólicos, sodomitas, drogados, fetichistas, onanistas, escritores pornográficos, vigaristas, vadios, porcos e lésbicas, todos eles muito bem protegidos pela corrupção. Se tiver tempo, posso discutir consigo o problema do crime, mas não caia na asneira de *me* incomodar.

O polícia pegou em Ignatius por um braço, mas levou com as partituras em cima do boné. A corda do alaúde, a oscilar, atingiu-o no ouvido.

— Ai! — exclamou o polícia.

— Ora toma lá! — gritou Ignatius, reparando que começara a formar-se um círculo de curiosos.

No interior do armazém, Mrs. Reilly fora à padaria e apertava contra o peito maternal uma caixa transparente de biscoitos. Com um

dos dedos esfolado por muitos anos a esfregar as cuecas amareladas de mamute do filho, bateu na vitrina para chamar a atenção da empregada.

— Ó Miss Inez — chamou Mrs. Reilly, com aquele sotaque que a sul de Nova Jérсия só se encontra em Nova Orleães, aquele Hoboken das imediações do golfo do México. — Aqui, querida.

— Olá, como está? — perguntou Miss Inez. — Como se sente, querida?

— Não me sinto lá muito bem — respondeu Mrs. Reilly, com sinceridade.

— Mas que maçada! — Miss Inez inclinou-se sobre a vitrina e esqueceu-se dos biscoitos. — Eu também não me sinto nada bem. É dos pés.

— Meu Deus, quem me dera ter essa sorte. Eu tenho artrite num cotovelo.

— Oh, não! — exclamou Miss Inez, num tom genuinamente simpático. — O meu velhote apanhou isso. Obrigamo-lo a meter-se numa banheira cheia de água a ferver.

— O meu rapaz está sempre metido na banheira. Já quase não posso ir à casa de banho.

— Julguei que ele era casado, querida.

— O Ignatius? Ora, ora — disse Mrs. Reilly, tristemente. — Minha querida, dá-me duas dúzias desses bolinhos de mistura?

— Julguei que me tinha dito que era casado — disse Miss Inez enquanto metia os bolos numa caixa.

— Nem pensa nisso. A rapariguinha que namorava com ele pôs-se a andar.

— Bem, ainda tem tempo.

— Acho que sim — respondeu Mrs. Reilly, desinteressada. — Olhe, dê-me também meia dúzia desses bolos de vinho. O Ignatius fica aborrecido se os deixo acabar.

— O seu filho gosta de bolos, hem?

— Oh, meu Deus, este cotovelo está a dar cabo de mim — respondeu Mrs. Reilly.

No meio da multidão que se formara diante do armazém, o boné de caçador, o centro verde do círculo de pessoas, agitava-se violentamente.

— Vou falar com o *mayor* — gritava Ignatius.

— Deixe o rapaz em paz — disse uma voz no meio da multidão.

— Vá atrás das *strippers* de Bourbon Street — acrescentou um velho. — Ele é bom rapaz. Está à espera da mãe.

— Obrigado — disse Ignatius, com altivez. — Espero que todos testemunhem este desaforo.

— Venha comigo — disse, pouco confiante, o polícia a Ignatius. A multidão começava a enfurecer-se e não havia nenhum agente de trânsito à vista. — Vamos para a esquadra.

— Já um rapaz decente não pode esperar pela mãe à porta do D. H. Holmes. — Era outra vez o velho. — Garanto-vos que a cidade nunca esteve como está. São os comunistas.

— Está a chamar-me comunista? — perguntou o polícia ao velho enquanto tentava libertar-se da corda do alaúde. — Olhe que também o levo. É melhor ter cuidado com as pessoas a quem chama comunista.

— Não pode prender-me — exclamou o velho. — Sou membro do Clube da Idade Dourada, patrocinado pelo Departamento de Ocupação de Tempos Livres de Nova Orleães.

— Deixe o velhote em paz, seu chui nojento — exclamou uma mulher. — O homem já deve ser avô.

— E sou — respondeu o velho. — Tenho seis netos, todos a estudar com as freiras. E são espertos.

Por cima das cabeças das pessoas, Ignatius avistou a mãe, que saía lentamente do átrio do armazém, transportando os embrulhos da padaria como se fossem sacos de cimento.

— Mãe! — chamou ele. — Mesmo a tempo! Fui preso.

— Ignatius! O que se passa? Que fizeste desta vez? Você aí, largue o meu rapaz — interveio Mrs. Reilly, empurrando as pessoas.

— Eu não estou a tocar-lhe, minha senhora — respondeu o polícia. — É seu filho?

Mrs. Reilly arrancou a corda do alaúde das mãos de Ignatius.

— Claro que sou filho dela — respondeu Ignatius. — Não vê como ela gosta de mim?

— Ela adora o filho — disse o velho.

— Que está a fazer ao meu filhinho? — perguntou Mrs. Reilly ao polícia. Ignatius afagou os cabelos vermelho-acastanhados da mãe